

**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPECSEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS**V ENTECI**ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí**Eixo Temático: 11 - Educação e Decolonialidade****EPISTEMES CONTRA-COLONIAIS**Marjorie Reis Muller¹**RESUMO**

A revisão das epistemologias eurocentradas, para além do desafio teórico, impõe desconstrução de postulados intelectuais historicamente firmados. A busca pela ruptura definitiva com os laços da dominação, deve ser coletiva, inextinguível e perpétua. A reparação histórica, não irá mitigar as dores infligidas, e nem conter o sangue vertido, apenas, chamará ao diálogo outras vozes e suas verdades para que suas histórias sejam ouvidas. Verdades apagadas e sobrepostas. Neste sentido, este texto propõe uma breve revisão da literatura latina e afrodiáspórica frente à educação contra-colonial, bem como sua contribuição aos debates da área, pois entende-se que, a colonização promoveu a supressão de saberes, cosmologias e povos. Sob a égide cristianizadora impôs-se à morte à aqueles que denominaram *selvagens*, e alicerçaram-se cientificamente o racismo, o machismo, a injustiça e a conversão da terra em um recurso.

Palavras-chave: Desobediência epistêmica¹, Ecologia², Educação ³, Eurocentrismo ⁴; Saberes do Sul.

INTRODUÇÃO

As formas de conhecimento são, de acordo com hooks (2017, p.46) “forjadas pela história e pelas relações de poder” neste sentido, é necessário que se reconheça que, tudo que se produziu e que se produz em termos acadêmicos, sobretudo nos países do Sul global, é em maior ou menor grau tributário da influência colonizadora.

Este trabalho segue a recomendação de Quijano e Mignolo, reforçando a proposta dos autores para a *desobediência epistêmica*, ou seja, a necessidade de *aprender a desaprender*. É imprescindível reconhecer os erros com honestidade e abrir espaço a pluralidade, respeitando a sabedoria tradicional e ancestral que nem sempre se traduz pela escrita. A oxigenação do debate acadêmico depende da superação da validação dos países do Norte, e de seus conceitos retilíneos não circulares, engessados e cartesianos, incapazes de reconhecer a sabedoria que orbita as cosmogonias e as culturas marginalizadas.

Abrir espaço para a construção de saberes que ultrapassam a ciência clássica significa devolver a verdade para outras visões e perspectivas de mundo. Desta forma, há um papel reparador fundamental neste processo: A humanização dos desumanizados pela colonização. A recuperação da dignidade, em sua integralidade é impossível, á medida que se conhece e

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Sustentabilidade na Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. E-mail: adm.marjorie@hotmail.com



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



dominação colonial, inserida conforme Quijano (2005) em quatro esferas além da raça: Na economia, na autoridade, no gênero, e no conhecimento. (Dussel, 1993; Quijano, 1992b apud Quijano, 2005, p.117)

A produção do conhecimento serviu para reforçar os ímpetos de dominação coloniais, no que Mignolo (2008, p.290) descreve como a “história imperial do Ocidente” colonizada na geopolítica, nas línguas, nas religiões, nos conceitos políticos e econômicos, e também nas subjetividades. Neste sentido, seguiremos a definição de colonização elaborada por Bispo (2015, p. 47) onde ele a caracteriza do seguinte modo: “todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra.” (Mignolo, 2008; Bispo, 2015; hooks 2017)

Conforme Maldonado-Torres (2007, p. 131), a colonialidade “se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça”. Césaire traduz as relações modernas entre colonizador e colonizado:

“Só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseira, as elites descerebradas, as massas aviltadas” (Césaire,2020, p.24)

Ele prossegue “falam-me de civilização, eu falo de proletarização e mistificação” onde conforme o autor a desigualdade social e o racismo se retroalimentam.

Ao retratar o epistemicídio cometido contra o povo negro a autora Sueli Carneiro pontua que a deslegitimação dos sujeitos e dos saberes se relaciona diretamente:

“Não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado.”(Carneiro, 2005, p. 97).

Collins (2015) reforça a perspectiva dos saberes oralizados, e seu conhecimento entre os pesquisadores negros:

“Tipos muito diferentes de “pensamento” e “teoria” surgem quando junta-se teoria à ação pragmática. Ao rejeitar posições de estudiosos e escritores, que teriam permitido que os assuntos fossem enfatizados puramente teóricos, o trabalho da maioria dos intelectuais negros têm sido influenciados por uma mistura de ação e teoria.” (Collins, 2015, p.118).



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Observemos que, nas epistemologias originárias, negras e quilombolas o conhecimento está relacionado às práticas coletivas e ancestrais, e o processo de aprendizagem acontece através da interação entre os membros da comunidade. Os conceitos de preservação, utilização sustentável da natureza e responsabilidade ecológica se traduzem na vivência dos povos originários. Não são conceitos novos, mas antigas formas de se conduzir a existência de sociedades, conforme expressado por Davi Kopenawa:

“Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapiri*², os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo o que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca. As palavras da ecologia são nossas antigas palavras, as que Omama [o demiurgo yanomami] deu a nossos ancestrais. Os *xapiri* defendem a floresta desde que ela existe.”(Kopenawa, Albert, 2015 p.16)

É um estranho paradoxo que os detentores da sabedoria preservacionista se encontrem sobre o risco de extermínio, enquanto a sociedade do homem branco e desenvolvido, discuta redundantemente a necessidade de preservação da natureza sem sequer ouvi-los verdadeiramente. Buscam-se soluções cartesianas e produtivistas em ensaios acadêmicos, e esvaziam-se os debates a cerca do oxímoro do desenvolvimento sustentável sem que nenhum resultado concreto seja conquistado. Andamos em círculos, ao redor da colonialidade, buscando nela soluções dos males por ela impostos.

Neste sentido, seguiremos a proposta conceitual de Bispo (2015, p.47) no que ele denomina como processo contra-colonial: “E vamos compreender por contra-colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra-colonizadores” o autor destaca a importância da valorização dos saberes anamneses nesses territórios”. A promoção desta discussão poderá propiciar a criação de novos conceitos, abrindo caminhos para fazer da “teoria um lugar de cura” (hooks, 2017, p. 85)

Crise do Conhecimento

Para Leff (2012, p.19) ”a crise ambiental é uma crise do conhecimento”, ousaríamos dizer que se trata de uma crise do *desconhecimento*, produzido e instaurado pela lógica economicista e desenvolvimentista. Contrapor essa lógica depende conforme Leff (2012, p.22) de “dar lugar aos saberes subjugados, para criticar a retórica do desenvolvimento sustentável e

² Xapiri: Guardiões invisíveis da floresta na cultura yanomami



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



o proposito de ambientalizar as ciências; [...] propor a construção de novos conceitos, para fundar uma nova racionalidade social e produtiva.” Abrindo espaço para o autor caracteriza como “um feixe de matrizes de racionalidades diferenciação de valores, cosmovisões, saberes e identidades que articulam as diferentes culturas com a natureza”. (Leff, 2012, p.22 – 23)

É compreensível que este movimento encontre resistências, conforme afirma Paulo Freire: “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (Freire, 1984, p.89).

Trata-se do resgate a cultura ancestral de tolerância, qualidade de vida coletiva e comunhão com a natureza, aspectos observados no bem viver representados pela disposição solidária de se colocar no lugar do outro e de se construir um espaço de diálogo social plural, interativo e aberto. Evidentemente não se pode esperar que isso aconteça dentro da racionalidade econômica que exerce um papel fundamental na reprodução do racismo ambiental e que nega a racionalidade ambiental. (Leff, 2012; De Lima e Oliveira, 2016)

Quando se trata de pensar em uma epistemologia ambiental é necessário que se deixe de lado a epistemologia como uma filosofia da ciência, para encara-la como uma reflexão diante do ser e do saber. Evocando conforme Leff (2012, p.130) “mudanças paradigmáticas e ressignificações teóricas”. Saibamos reconhecer a beleza da cosmogonia andina, por exemplo, onde as montanhas são sujeitos sagrados, onde os lugares tem papeis que transcendem a geografia. A proposta de superação apagamento da ancestralidade dos povos locais configura as narrativas de Krenak (2019a p.10) que convida para um dialogo plural de cosmovisões para além da “narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente”.

Deste modo o autor recomenda a observação da natureza não a partir de uma concepção utilitária e patriarcal:

“Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça, beleza e fartura. [...] a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com a imagem masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar”(KRENAK, 2019a, p.30).

O dialogo entre múltiplas epistemes, compõe a suplantação do que Lander denomina como colonialidade do saber, deste modo verdades distintas e hibridas passam a ser acolhidas



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



no que Lander (2005, p.12) descreve como “multiplicidade de vozes, mundos de vida, pluralidade epistêmica”.

Esta pluralidade é inexorável á participação da comunidade e as inserção do conhecimento popular onde as relações estão associadas à vida em sociedade, mas também ao mundo “não humano”. Passemos ao pensamento de Ailton Krenak (2022, p.101): “Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da vida são uma constelação de seres”. O conceito de unidade é constantemente retomado pelo autor, que anteriormente já havia escrito sobre:

“Desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2019, p. 16-17).

Partindo da afirmação de hooks (2017, p.53) de que “nenhuma educação é politicamente neutra” que façamos uma educação intencionalmente contra-colonial, levando em consideração a ancestralidade que foi enterrada durante a colonização, mas cujo as sementes podem revelar uma receita de futuro possível. Quando Krenak divide experiência dos povos originários na luta para “empurrar o céu” ele realiza importantes apontamentos:

“Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? **Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes?** Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos.” (Krenak, 2019, p. 28 grifo nosso).

Candau, aponta o empoderamento dos inferiorizados como um passo essencial na construção da interculturalidade e de “relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos sócio-culturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados.(Candau, 2012, p.244).

Considerando que a formação cultural da América Latina é essencialmente indígena e africana, heterogênea e plural, Lélia Gonzalez, que cunhou o conceito de amefricanidade:

“Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil [...] cujas formações do inconsciente são exclusivamente européias, brancas. Ao contrário, ele é uma **América Africana** cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o t pelo d para aí sim ter o seu nome assumido com todas as letras **América Ladina** (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e os “pardos” do IBGE) são ladinoamefricanos.” (GONZALEZ, 1988, p. 69, grifo nosso)



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Gonzalez (1988, p.77) é cirúrgica em sua constatação, visto que ao se pensarem em novas epistemes, não se deve jamais, perder de vista as influências racistas da colonização: “essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja, presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades”. O tensionamento dos processos racistas da dominação se faz necessário para que possam ser expurgados, ao passo que a educação moderna não se transforme em um meio de aculturação e apagamento da memória.

Freire (2017,p.6) aconselha que nos nutramos de agendas contracoloniais: “o empoderamento ocorre pela tomada de consciência, sempre resultando em trocas sociais capazes de modificar/transgredir a estrutura de opressão”. A criação de novas práxis pedagógicas perpassa a desconstrução e a construção de novos paradigmas. Todavia as novas construções, deverão estar imprescindivelmente associadas às memórias, de acordo com hooks:

“Uma vez que a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro” (hooks, 2019a, p. 37).

O olhar de hooks, nos convida a um exame crítico dos moldes sociais tradicionais, que condicionam os negros a esfera marginal da sociedade, desqualificando suas existências, sua ancestralidade e seus saberes. Exame que deve ser contínuo e desconstrutor, considerando que a colonialidade do saber permeia os imaginários coletivos e as consciências de todos os sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar conceitos contra-coloniais de culturas que resistem ao tempo e ao genocídio. Convidando a se despojar das crenças forjadas pela branquitude colonizadora, reconhecendo a falência de seu projeto social homogeneizador. A insustentabilidade sistemática da sua economia extrativista e produtora de desigualdades, sugere romper definitivamente os laços que sustentam os meios de poder e subjugação.

Pensar a natureza como detentora de direitos, ultrapassando as concepções que a convertem em um “recurso-natural” é urgente. A ressignificação do natural, e sua



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



descapitalização poderá representar o resgate de cosmologias integradoras, onde o respeito com o outro (humano e não humano) pauta as relações de convívio e sociedade.

Neste sentido a educação age como potência de transformação, e como porta de entrada para epistemes silenciadas e saberes dos sujeitos que compõe as minorias sociais. O fortalecimento das identidades locais, esta diretamente ligado ao resgate das memórias étnicas ancestrais.

REFERÊNCIAS

- BISPO, Antônio. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: Universidade de Brasília, 2015
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2005.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020. 136
- CHAKRABARTY, Dipesh. Provincializing Europe: Postcolonial thought and Historical Difference. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- COLLINS, Patrícia Hill. Raça, Classe e gênero como categoria de análise e reflexão. In: MORENO, Renata (org). Reflexões e práticas de transformações feministas. São Paulo: sempre viva organização feminista, 2015, pp. 13-42.
- DE LIMA, k. J. M.; OLIVEIRA, I. de M. Racismo Ambiental e Supressão de Espaços Litúrgicos Naturais das Religiões de Matriz Africana: Dilemas entre Políticas Públicas de Preservação Ambiental e de Proteção às Manifestações Culturais Afro-Brasileiras. Prim Facie, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 01-34, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/primafacie/article/view/23096>. Acesso em: 6 ago. 2023.
- DUSSEL, Enrique. O Encobrimento do Outro (A Origem do “Mito da Modernidade”). Petrópolis: Vozes, 1993
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, Ralyanara. Bordando transgressões arpillera e a luta de mulheres contra Belo Monte. Trabalho apresentado no GT 07 – Bordando outro ponto de vista: pensamento envolvente para feminismos, negritudes e fazeres cotidianos. Publicado em ANAIS ELETRÔNICOS DO CONGRESSO EPISTEMOLOGIAS DO SUL, vol. 1, nº 1, 2017
- GERBI, A. O novo mundo: história de uma polêmica 1750- 1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

CIÊNCIA, DEMOCRACIA E DECOLONIALIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a

KOPENAWA, Davi; Albert, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras.

LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. pp.117-142.

LEFF, Enrique: Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012

MALDONADO-TORRES, N. Del mito de la democracia racial a la descolonización del poder, del ser, y del conocer. [Partes de este ensayo fueron presentadas en la Conferencia internacional “Reparaciones y descolonización del conocimiento”, en Salvador, Brazil, el 25 y 26 de mayo del 2007

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Don Quijote y los molinos de viento en América Latina. Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos, Buenos Aires, v. 4, n. 14, enero/marzo 2005.

AGRADECIMENTOS

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.